

A INESQUECÍVEL IRMÃ WINIFRED



ERA UMA casinha de estuque de um só pavimento, quase escondida atrás de uma poeirenta cêrca de alfena, num bairro miserável de Los Angeles.

—Isto é um mundo secreto—disse-me a freira.—As môças que estão aqui não são más. As más não chegam a ter os filhos; fazer abôrto é coisa bastante fácil hoje em dia.

Quando atravessamos o corredor

sombrio, passou uma pobrezinha frágil, de cabelos escuros, engrossada pela gravidez. A freira estendeu o braço e lançou-o em volta da môça, dizendo:

—Esta é Jo Ann. É uma santinha.

A môça sorriu docemente e seguiu seu caminho.*

—Tem apenas 15 anos—continu-

* Os nomes de tôdas as môças mencionadas neste artigo são fictícios.

ou a freira.—Foi violada pelo tio.

Minha fisionomia deve ter refletido o horror e a indignação que eu senti, porque a freira me aconselhou a não gastar energia em zangar-me com o culpado.

—Aqui, tôda parcela de energia é necessária e é aproveitada para refazer mentes, almas e corpos sadios. Não há lugar para raiva neste programa de salvar da amargura e do desespero estas infelizes criaturas de Deus.

Tão Jovens! Foi assim que eu conheci o Hospital-Maternidade Santana, de Los Angeles, na Califórnia, e a Irmã Mary Winifred, a notável freira e enfermeira franciscana que acabava de assumir a direção do pequeno abrigo de 12 leitos para mães solteiras. Depois de ocupar durante vários anos cargos administrativos importantes em grandes hospitais modernos, ela fôra designada para aquêle pequeno pôsto miserável.

Era em 1942, e Los Angeles transbordava de gente com o afluxo de pessoas ocupadas em serviços de guerra. O deslocamento das famílias fazia subir de maneira alarmante o número de môças que tinham filhos sem serem casadas. Por falta de espaço, a Irmã Winifred era obrigada a rejeitar môças desesperadas.

—São tão jovens—dizia ela bai-

xinho, e eu via lágrimas brilhando por trás de seus óculos sem aro.

Ao dizer isso, ela observava uma menina de 16 anos—grávida de oito meses—que ajudava uma recém-chegada, mais jovem ainda, a instalar-se.

—Aqui você estará segura—dizia a companheira de quarto mais antiga.—O pessoal aqui é bom para a gente.

A maioria das meninas provinha de lares desfeitos e ambientes sórdidos. Recebiam pouco, ou nenhum, amor e auxílio dos pais.

No minúsculo berçário, a Irmã mostrou-me as crianças—as “vítimas inocentes”, como ela as chamava. Pegou no colo uma, de 11 dias apenas, enrolou melhor o cobertor em volta dela e beijou-lhe a mãozinha. Confessava uma preferência especial por Jimmy, porque fôra ela mesma que o pusera no mundo. O médico chegara atrasado.

“A Minha Parte.” O pequeno hospital deficiente, as môças e as vítimas inocentes, tudo isso deixou em mim uma impressão inesquecível, e resolvi ajudar. Formamos um grupo de gente de cinema e começamos a angariar o auxílio de amigos. Levantamos 45 000 dólares—5 000 dólares menos do que a importância necessária para um nôvo anexo. A Irmã Winifred fôra aconselhada a não começar a construção enquanto não tivesse *todo* o dinheiro.

—Mas eu acho—disse-me ela—que vocês arranjarão mais depressa

LORETTA YOUNG, estrêla de dezenas de filmes, conquistou um prêmio da Academia pelo seu desempenho em *A Ambiciosa*. Em 1961 foi homenageada pelo Conselho Diretor da Fundação Santana por suas contribuições para o hospital-maternidade.

os 5 000 dólares que faltam para um edifício quase concluído do que para um edifício que não esteja sequer começado.

Em dois tempos o modesto acréscimo foi subscrito e pago.

No decorrer da construção, eu vi de perto, pela primeira vez, os extraordinários dotes e energia armazenados naquela mulher pequenina, meiga e generosa. Ela estava em tôda parte ao mesmo tempo, controlando os mínimos detalhes dos serviços de bombeiro, eletricidade, aquecimento. Dizia sempre confiar em Deus, mas fazia questão de não deixar de dar a Deus auxílio suficiente.

“Bom Dia, Inimiga!” Numa hora sombria, a Irmã Winifred levava bondade e compaixão às vidas das jovens mães. Era conselheira e confiante, dando a muitas daquelas môças aturdidas o primeiro amor verdadeiro que já haviam conhecido.

Naturalmente, nem tôdas as môças eram anjinhos. De vez em quando, chegava uma tão ferida, tão amarga, que desafiava até os mais pacientes esforços para ajudá-la.

—Vamos deixar uma coisa bem clara desde já—disse uma recém-chegada, enfurecida.—Sou judia e a senhora é católica. Somos inimigas, não se esqueça disso, porque eu não me esquecerei.

—Está bem—disse a Irmã, sem alterar a voz.—Vamos tratar-nos uma à outra de Inimiga.

Daí por diante, cada vez que se encontravam no corredor, a Irmã

cumprimentava a môça sorrindo: “Bom dia, Inimiga!” A môça respondia: “Bom dia, Inimiga.” Pouco a pouco, o cumprimento da môça foi adquirindo um tom menos sarcástico, que depois se tornou positivamente cordial. Finalmente ela teve o filho e se estava aprontando para partir.

—Bem, Inimiga, chegou a hora da despedida—disse a Irmã.

—Eu sei.—A môça hesitou um instante.—A senhora não quer chamar-me de Sue só uma vez, antes de eu partir?

—Sue, minha querida—disse a Irmã, abraçando-a com ternura.—Nunca me esquecerei de você. Lembre-se também de nós nas suas orações.

Mas havia ocasiões em que a Irmã Winifred sabia ser dura. Uma noite, uma das môças não apareceu para jantar. Ao saber que ela saíra do hospital umas duas horas antes com um homem, a Irmã entrou em ação. Foi direto a um motel que ficava a umas três quadras da maternidade. Pediu para falar com o gerente e disse-lhe que, se a môça ruiva que chegara naquela tarde com um homem não saísse dentro de três minutos, ela entraria lá para apanhá-la. O gerente fingiu ignorar do que se tratava, até que a Irmã perguntou se êle preferia que ela chamasse a polícia para localizar a môça, que aliás tinha apenas 16 anos.

Foi quanto bastou. A Irmã só precisou esperar dois minutos e meio.

Depois, no seu gabinete, a Irmã

se defrontou com o homem, um sujeito moreno, de 1,80m de altura, que disse que ela não tinha nada que se meter com a vida dêle.

—O senhor está é de muita sorte de não levar um bofetão meu, mas se eu o tornar a ver por aqui, fique certo de que acaba levando mesmo uma bofetada—disse a freira de 1,58m.—Agora vá para casa, para junto de sua espôsa, e deixe a môça em paz.

Depois, quando perguntaram à Irmã como foi que ela descobriu onde estava a jovem fugitiva, ela respondeu:

—Foi simples. Ela me perguntara uma vez onde era o motel mais próximo, dizendo que a mãe podia querer visitá-la: eu me limitei a somar dois e dois.

“**Irmã Salomão.**” Com essa proeza a Irmã ganhou o apelido de “Irmã Sherlock Holmes”. Mais tarde, passou a ser chamada de “Irmã Salomão”, também por excelentes razões.

Encontrou uma mocinha chorando na lavanderia. A menina disse que o pai da criança que ela esperava estava fora, servindo no Exército. Ela não contara ao rapaz que estava grávida. Amava-o, mas não queria que êle se sentisse obrigado a casar com ela.

—E se êle *quiser* casar com você? perguntou a Irmã.—Afim de contas, êle tem direito de *dar* opinião sôbre o futuro de seu próprio filho, você não acha?

A Irmã meditou sôbre o proble-

ma durante vários dias, e afinal resolveu experimentar o caráter do rapaz. Obteve o seu enderêço no quartel e escreveu para êle.

Chegou uma resposta imediata. O rapaz estava desesperado; as cartas que escrevera à sua garôta para o enderêço antigo tinham sido devolvidas fechadas. Êle não só a amava, mas queria casar com ela logo que conseguisse arranjar uma licença.

“**A Senhora Mudou a Minha Vida.**” Eu tenho lidado com algumas das inteligências mais argutas do cinema e da televisão, mas a Irmã Winifred é uma das pessoas mais sábias e mais persuasivas que já conheci. Cêrca de dois anos depois de nos conhecermos, a Irmã me disse que queria que eu fôsse presidente do Conselho Diretor da Fundação Santana. Eu? Era só o que faltava. Achei graça na idéia, depois fiquei apavorada. Eu não passara do curso primário na escola e só me sentia competente para o meu trabalho de atriz. Além disso, naquele tempo era supremamente importante para mim não *parecer* idiota.

Mas a Irmã explicou com muita sinceridade a sua escolha de uma “estrêla de Hollywood” como presidente. Eu tinha uma coisa de que o seu pequeno hospital precisava—“nome”. Para obter auxílio financeiro, isso, achava ela, serviria para abrir portas em lugares inesperados. Ajudaria a vender bilhetes para festas de caridade. E impressionaria as próprias môças saber que uma atriz de cinema se preocupava com elas

e com as suas dificuldades. Todos os membros do Conselho compreendiam e estavam prontos e dispostos a ajudar-me. Nessas condições eu aceitei, e, com o auxílio e estímulo da Irmã, passei sete compensadores anos como presidente do seu ilustre Conselho.

Nunca esquecerei o dia em que a Irmã utilizou o Conselho tendo em vista uma finalidade um tanto excepcional. Acabava de receber uma môça que, ao assinar o registro, disse com sarcasmo:

—Escute, eu sou prostituta. E daí? Quem quer saber disso? Ninguém se importa comigo.

—Eu me importo com você—respondeu a Irmã.

—Claro, mas a senhora tem mesmo que se importar. É o seu serviço!

Sem dizer mais nada, a Irmã levou a jovem à sala onde nós estávamos reunidos. Abriu silenciosamente a porta de maneira que a môça nos visse—uma dúzia de homens e mulheres debatendo os problemas do hospital.

—Estão aí pessoas ocupadas que dão seu tempo, seus esforços e seu dinheiro sem outro motivo que não seja o de se importarem com você e com as outras môças—disse ela.—E nem sequer a conhecem. Só sabem que você está em apuros.

Durante os meses seguintes, observei o lento desabrochar dessa môça sob a ação do amor, do carinho e da consideração que recebia no Hospital Santana. O pleno desabrochar do interêsse por si mesma ocorreu

no dia em que ela fêz a Irmã parar no corredor e lhe disse que queria conservar a criança consigo. Arranjaria um emprêgo honesto e trataria tão bem o filho que êle nunca precisaria descobrir o amor pelo método mais difícil, como acontecera com ela.

Um ano depois, a Irmã mostrou-me uma carta que recebera dessa môça, então casada e feliz. “Só queria que soubesse que a senhora mudou a minha vida”, escrevia ela.

Rainha por um Dia. No correr dos anos, a Irmã Winifred continuou a expandir a Maternidade Santana. Em 1955, tinha completado um hospital moderno. Em 1964, foi acrescentado um centro educacional, onde as môças continuam os estudos ou aprendem a trabalhar como cabeleireiras, caixas, empregadas de escritório. “Elas precisam ter um pouco de amor-próprio e confiança em si mesmas para poderem enfrentar o mundo”, disse a Irmã.

Em julho de 1964, a Irmã Winifred comemorou o seu 50.º aniversário de freira e enfermeira e o seu 23.º ano na direção da Maternidade Santana. As instituições de caridade de Los Angeles a aclamaram como a “Humanitária do Ano”. O Cardeal-Arcebispo celebrou Missa em sua honra, e houve uma recepção em sua homenagem no jardim do hospital. Foi um dia de gala. O pequeno abrigo de 12 leitos cuja direção ela assumira em 1941 é agora um conjunto de modernos edifícios no valor de quatro milhões de dólares, com

40 médicos e dentistas que prestam seus serviços gratuitamente, e mais um equipe regular de 60 funcionários. Milhares de crianças nascidas no hospital têm sido colocadas sob a proteção de boas famílias por intermédio de serviços de adoção.

Eu passei o braço em volta dela e disse:

—Irmã, o seu hospital está finalmente instalado, e tudo vai correndo bem.

—Sim, mas no momento as coisas vão correndo ainda melhor para o mundo, a carne e o diabo—respondeu ela.—Você já reparou que as nossas môças têm agora na maioria de 11 a 17 anos, em vez de 14 a 28? E no ano passado tivemos de rejeitar 735 môças? O dinheiro e as acomodações ainda não são suficientes.

Naquele instante, ela foi chamada para cortar o bôlo de aniversário. Atendeu com alegria e com um sorriso de gratidão.

—Tenho de ir—disse ela, rindo. —Sou rainha por um dia!

Para a Irmã Winifred são raros os momentos de reconhecimento público, pois o seu trabalho é por natureza confidencial, e o seu mundo é em geral secreto e feito de tristezas e esperanças. Entretanto, as lágrimas de muitas môças no momento em que se separaram dela e as cartas que depois elas lhe escrevem são testemunho pungente do efeito recuperador que o carinho e o amor podem exercer sobre vidas marcadas por feridas. A sua contribuição é inestimável. Receba a minha homenagem, querida Irmã Winifred!



MUITOS dos antigos prazeres desapareceram para sempre esmagados sob um número cada vez maior de pessoas. Assim é que onde foi outrora um lugar encantador para um piquenique e um dia de descanso, hoje temos uma área de estacionamento, uma estação rodoviária, um bar e restaurante, uma loja de presentes. Uma porção das trilhas que eu percorri em minha juventude são agora estradas de automóveis, levando cada vez mais gente para a poeira, o barulho e o monóxido de carbônio. E dizem-nos que estas estradas não são em número suficiente e deveriam ser muito mais largas. Não vai tardar muito que as comarcas em volta de Londres sejam cimentadas. O campo terá então sido destruído para se permitir que um número cada vez maior de pessoas saia da cidade para gozar as delícias do campo.

—J. B. Priestley, em *New Statesman*

Nos ESTADOS UNIDOS não existe o hábito da conversação. Isso ocorre em parte devido a uma certa forma inferior de senso prático, que consiste no receio de “perder tempo”. Gostaria de convencer os americanos de que perder tempo é um excelente investimento.

—Julián Marias, filósofo e professor espanhol